



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

A SANGRIA



—Pique, sr. doutor, mas para a tuberculose parece-me tratamento contra-indicado...

PALESTRA AMENA

A loteria do Natal

Está por pouco; mais cinco dias de espétativa e o leitor saberá se pode passar o resto dos seus dias sem preocupações de dinheiro ou se deve resignar-se á pelintrace em que vivem os cinco milhões de pessoas encerradas no quadrilatero irregular que pega em dois lados com a Hespanha e nos outros dois com o Atlantico.

Nós—para que havemos de o negar? —estamos habilitados. Comprámos uma cautela, sim, senhores. Andamos ha uns poucos de mezes a fazer economias, deixámos de fumar, abandonámos outras extravagancias que não nos eram indispensaveis e conseguimos, finalmente, juntar o bastante para comprar uma cautela, com a certeza absoluta de sermos contemplados.

Estamos já a vêr o veu de tristeza que vos encobre o semblante, leitor amigo, prevendo o resultado do formidavel acontecimento. Julgaes, decerto, que uma vez nadando em riqueza abandonaremos todo o trabalho obrigatorio e por consequencia ficareis privado desta cronica que semanalmente vos seringa com delicia. Não, carissimos: aqui protestamos solenemente, aqui juramos pelo que maior respeito nos merece—as convicções hereticas do sr. Faustino da Fonseca, o amor do sr. Levy á presidencia do municipio, os interesses da Companhia do Gaz e a dureza tenebrosa do pão de quatro e meio—juramos que jámais abandonaremos o logar que honrosamente desempenhamos neste semanario, porque assim vos abandonaríamos á mercê de errados juizos. Nunca vos faltará, por mais Monteiro Milhões em que nos convertamos, a luminosidade do nosso criterio e do nosso conselho.

Sim, porque se somos asperos, como a Justiça, somos tambem bondosos, como o Evolucionismo. Quem havia de vos preve ir contra a exploração politica, contra o jogo criminoso de vos chamarem a atenção para certo facto a fim de vos ocultarem outro, contra a apparencia de honestidade mascarando pouca vergonha, contra a pseudo-sinceridade de promessas sem intenção de se cumprirem? Sabemos o que devemos a quem nos lê e não é o interesse material que com estas cronicas buscamos, mas a satisfação do proprio dever, o jubilo intimo, que não quer aplausos senão os da nossa consciencia.

E tão longe levamos a bondade que, embora desejemos ardentemente que a sorte grande nos saia a nós, fazemos votos fervorosos por que ella tambem saia a todos os portuguezes, amigos e inimigos, não deixando um unico dos numeros da loteria de ser premiado com os 240 contos—ou fração apreciativa.

José Neutral.

NAMORO DE GARGAREJO

Ela—Sabes o que agora me apeteia, meu lindo amor?

Ela—Vê lá o que dizes: olha que a mamã está aqui atraz de mim para exercer a censura.

A criada do Marques

O talento do Marques como que irradiava, comunicando-se ás pessoas que com elle mais de perto convivem. Temos já revelado rasgos de genio da esposa e dos filhos do Marques; hoje cabe a vez á criada d'este grande homem, mulher que veiu da provincia ha pouco tempo, d'uma rudeza primitiva que desapareceu, substituida por uma fulgurante intelligencia logo que entrou ao serviço do Marques.

Como faltem dois dentes da frente á dita rapariga, o Marques aconselhou-a ha dias:

—O' mulher: porque é que você não vai ao dentista para lhe pôr esses dois dentes?

A cachopa:

—Não vou, meu senhor.

—Mas por quê? fazem-lhe falta para falar, para comer...

—Bem sei.

—Depois, vossê, segundo já me disse, tem dinheiro.

—Tenho, graças a Deus.



—Então não percebo a sua teimosia. Ponha os dentes, mulher.

—Eu lhe digo, sr. Marques; não ponho, porque se *calhasse* caíam-me outra vez. Isto é de *colidade*!

Se imaginam que esta criada não existe, estão muito enganados. Depois de sair de casa do Marques esteve ao serviço da atriz Lucinda do Carmo. Perguntem-lhe, que ella não nos deixará por mentirosos.

Está mole

São poucos todos os elogios que se façam ás capacidades que se alapardam nos membros do governo que preside aos nossos luminosos destinos; algumas más vontades teimam em que elle pouco ou nada tem feito para remover ou atenuar as difficuldades que nos rodeiam, mas não passam de más vontades ou de cegueira inexplicavel.

Capacidade, talento, patriotismo, tudo isso elle possui em abundancia.

—Mas que tem feito a sua maioria? Nada, bem se sabe. Mas por motivos independentes da sua vontade, isto é, por preguiça, que é o mal nacional.

Todas as manhãs o sr. Antonio José acorda com um grande desejo de trabalhar na resurreição nacional; mas toma um banho morno e logo bocejando, deliciado, resolvendo só começar a

pensar nas soluções ingratas dos numerosos problemas a resolver, quando entrar no automovel.

Entra, disposto a espavitar o cerebro. Mas os balanços do automovel são suaves, as almofadas são comodas, e elle aí leva o caminho a espreguiçar-se e a



dormitar, reservando as cogitações para quando chegar ao seu gabinete.

Chega; está ali um sofásinho convidativo. O fogão aquece o gabinete consoladoramente. Uma caixa de excellentes charutos, tenta-o. Fuma, adormece...

Querem saber uma anedota a proposito?

Conhecemos um pianista notavel, que dava lições e com ellas ganhava bom dinheiro. Mas faltava á hora da lição, levantava-se tardissimo, tinha de fazer a digestão deitado—e os discipulos foram rareando. Por fim deu em afinador de pianos, mas um dia a miseria entrou-lhe em casa, porque ninguém o chamava, visto que raras vezes comparecia.

Encontrámo-lo ha um mez, no Rocio, lamentavelmente magro e esfarrapado. Tivemos por elle este dó imenso que nos caracteriza, e buscando um pretexto para encobrir a esmola, dissemos-lhe:

—Fazes o favor de ir agora lá a casa afinar o piano?

O desgraçado, de olhar indeciso e terno:

—Olha: eu ia, mas estou agora tão mole...

E' o defeito do governo. Está sempre mole.

Livros, livrinhos e livrecos

A escola — A bandeira portuguesa—Envia-nos o sr. Augusto Dias de Figueiredo Guedes de Castro, de S. Cosme (Gondomar) os folhetos poeticos com a designação acima mencionada, de intuitos inegavelmente muito de apreciar. Registamos a oferta, agradecendo, e proclamando aos povos que S. Cosme não tem só como notaveis os nabos, mas tambem os versos do sr. Augusto Dias de Figueiredo Guedes de Castro, dos quaes, com a devida vénia, transcrevemos a ultima quadra da *Bandeira portuguesa*:

Vermelha, emfim, qual clamor de Liberdade
—A vestal que o sagrado fogo patrio atica—
Embraçando, altaneira, o broquel da Verdade,
Empunhando na dextra o gladio da Justiça.

Ambos os pemas são illustrados com a fotografia dos paços do concelho de Gondomar, em tamanho reduzido.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

O chapéu de chuva e o de sol

Podemos definir do modo seguinte chapéu de chuva; é o chapéu de sol, quando o tempo está chuvoso. Vice-versa; chapéu de sol é o chapéu de chuva quando o tempo está de sol.

Conhecido assim o objeto de que me vou ocupar, passarei a descrever aos meus pequenos e inteligentes ouvintes a sua origem, importância e tudo o mais que convem saber.

O chapéu de chuva, antes de ser o que é, foi bengala simplesmente, cuja existência, como se sabe remonta á mais apagada antiguidade, pois foi primeiro usada por nosso pai comum, o chimpazé, ou o homem dos bosques, que a ela se encostava por ser fraco das pernas.

De posse de tal auxiliar, n'um dia em que chovia a potes, o homem reparou que a bengala de nada lhe servia contra as cordas de agua que o açoitavam. Tirou um lenço da algibeira, pô-lo na cabeça, imaginando que assim a livraria da molha, mas em breve se convenceu da ineficacia do remedio. Desesperado, agarrou no lenço e, para não encharcar a algibeira, em vez de o meter ali pendurou-o na ponta da bengala.

—Cá está o que me vai livrar da chuva! exclamou logo, atravessando-lhe o cerebro um raio de genio.

Inventado assim o chapéu de chuva, o de sol seguiu-se-lhe sem esforço, repetida a experiencia feita com o lenço.

E' claro que, com o andar do tempo se notou que um lenço não tinha o tamanho suficiente para defender o individuo e, ainda lá mais para diante, se reconheceu que um pedaço de pano a bambolear na ponta de um pau só muito imperfeitamente servia de resguardo: d'áí a invenção das varetas.

Quanto á importancia do chapéu de chuva, basta que nos lembremos que foi ele, por assim dizer, o cetro do primeiro presidente que teve a Republica Portugueza. Mas, ainda ha mais: o Viatico, quando saía á rua, era sempre resguardado pela umbela, chovesse ou não, estivesse sol ou não estivesse.

E encarando esse objeto sob o aspecto comercial, digam-me: como poderiam fazer negocio as lojas de chapéus de chuva se os não houvesse? esses pequenos galegos que por aí percorrem a cidade a gritar «concerta tchapéus de sol» como poderiam concertá-los se eles não existissem?

Agora, duas palavras sobre o mais que convem saber n'este assunto. Quando fôrem a um teatro, a qualquer sitio onde concorra muita gente e tenham que deixar o guarda-chuva no bengaleiro, tenham mil cautelas quando o forem buscar, porque a troca é facilima: se lhes derem outro não o aceitem se fôr inferior ao seu ou pelo mau estado ou porque seja de fazenda peor.

Aconselho a que, quando andem pela rua com o guarda-chuva fechado, se abaixe do braço e a ponteira para a frente, nunca a metam pelo olho

EM FOCO



Jaime Cortezão

Tal como aconteceu no «Condado» Quando fiz um soneto ao Gaio amigo, Tal acontece, Cortezão, comsigo, Este escrevo tambem anticipado.

Que o «Infante de Sagres» vai dar brado E' tão fatal como não termos trigo, Porém as profecias... o que digo E' que precisam do maior unidado.

E' vossê mestre na poesia amena. Dispõe, bem sei, de inteligencia viva, Mas falta vêr o que dará em cena.

Satisfará ou não a espetativa? Não sei; como resposta entrego a pena Dando ao nosso «Jerolmo» alternativa.

BELMIRO.

de quem vier em sentido contrario, sem que em seguida peçam desculpa, para não passarem por mal educados. Se o levarem aberto e junto dos meninos passar outra pessoa tambem de guarda-chuva aberto façam o possível por que sejam as pontas das varetas do seu que rasguem a fazenda do do parceiro e não as de este que rasguem o dos meninos. O pedido de desculpa, porém, é indispensavel.

E até á semana; porque é tarde e estou com muita pressa de ir ali ao teatro Republica vêr o Ferreira a fim de verificar se ele seria capaz de fazer o carroceiro da revista do Eden. Estou que não.

Bonaparte

(Aluno do Liceu Camões).

Germanofobia

Telegrama de Paris:

«Em consecuencia de varios protestos apresentados na igreja grega, os padres da colonia suprimiram ali o nome de Constantino.»

Ora aí está em que se entreteem os aliados. Ao que nos dizem, as ultimas medidas tomadas contra os imperios centraes, medidas de cuja eficacia não é licito duvidar, são as seguintes:

—Não dar no batismo a creança alguma o nome de Guilherme.

—Suprimir a musica alemã de todos os concertos.

—Não usar bigodes á kaiser.

—Não assobiar a valsa da Viuva Alegre.

D'esta vez o resultado vai ser fulminante.

Fala o Bermudes

Estão os submarinos na ordem do dia e sobre o caso ainda não vimos publicada coisa que nos satisfizesse. Felizmente a noticia, inserta em todos os jornaes, de que foram vistos submarinos pert das Bermudas, nas aguas do Mexico, sugeriu-nos a idéa de ouvir pessoa competente—e esta não podia deixar de ser, tratando-se das Bermudas, senão o Felix Bermudes.

S. ex.^a recebeu-nos ótimamente, com uma girandola de piadas engraçadissimas, inéditas, em preparo para a proxima revista de Ernesto, Felix & Bastos.

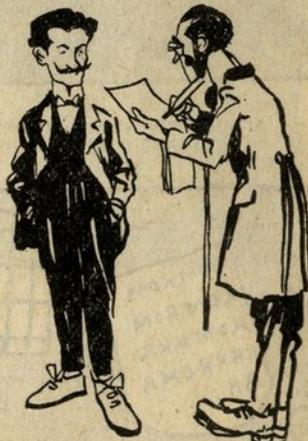
Afrouxado um pouco o riso que nos agitou perto de uma hora, dissémos o que nos levava ali.

—Ah! os submarinos e as Bermudas? Bem sei: é a apoteose do 1.^o acto...

—Não; falamos no papel dos submarinos...

—Facilimo; é um papel que se decora em minutos.

—Perdão: referimo-nos aos subma-



rinos alemães e ás ilhas Bermudas...

—São dois grupos de coristas. Cantam e depois dançam um pas-de-quatre...

—Não nos entendemos. Na opinião de v. ex.^a, que se deve fazer para evitar os ataques dos submarinos?

—E' não dar sorte ás raparigas.

—Raparigas?!

—Sim, ás que fazem de submarinos. Elas hão de atirar-se, já se sabe, mas o espetáculo que tem juizo não vai no boje.

—Ficamos, afinal sem saber o que devemos fazer.

—Ora essa! Deve aplaudir, deve chamar os autores, deve comprar as coplas!

—Mas para v. ex.^a tudo são assuntos de revista do ano!

—Tudo! Os assuntos comicos exploram-se para rir, os tragicos para chorar, e vice-versa.

E despediu-nos, não sem nova enfiada de ditos espirituosos, que ainda hoje—e já lá vão oito dias—não podemos recordar sem nos escangalharmos a rir!

MANECAS SALVA O QUIM, OU UMA PROEZA DO JOÃO RATÃO



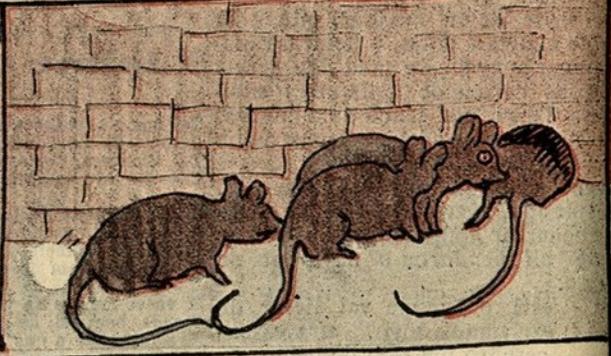
1.—Ao ver entrar no quarto o João Ratão
Tem uma idéia o nosso cidadão.



2.—Com pedaços de assucar o conquista;
Diz-lhe depois o que é que tem em vista.



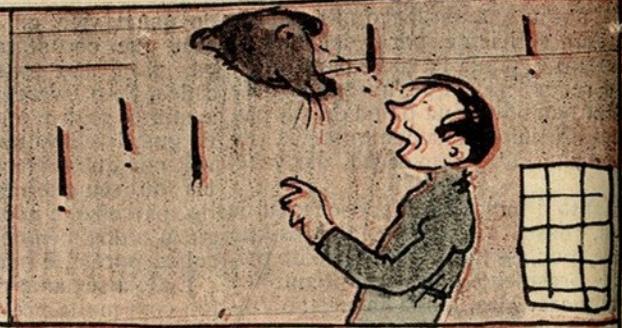
3.—Reune João Ratão a rataria
E explica o que o Manecas d'ele qu'ria:



4.—Que fizessem um tunel (eis o plano)
Até ao sitio onde jazia o mano.



5.—No teto da prisão ouve um ruído
O mano Quim, e aplica logo o ouvido.



6.—Aparece o Ratão n'uma abertura
E diz que vae salvar a criatura.



7.—Para o que mete o rabo no buraco
Trepando o Quim, mais agil que um macaco,



8.—Efetuou-se, enfim, a salvação
Graças ás prendas do João Ratão.